

## Editorial

É com grande satisfação que apresentamos este número da revista **dois pontos** dedicado a Bergson, segundo a abordagem que pretende ressaltar sua relação com a história da filosofia. Relação que nunca foi tranquila e tampouco de fácil decifração.

Como sabemos, a crítica de Bergson ao pensamento que o antecedeu é tão essencial que chega a integrar parte substancial de seu método. É preciso, para fazer metafísica, ou seja, filosofia, suspender os hábitos práticos que – desde Zenão! – impregnam indevidamente a especulação e nos impedem de pensar e viver o real. É preciso fazer a crítica do pensamento cinematográfico – que congela o tempo em espaço –, desfazer as ilusões por ele geradas e colocar os problemas em novos e solúveis termos. É preciso, em suma, pensar os problemas em termos de duração. E, deste modo, seguir o real em seu contínuo movimento de geração, uma vez que o real nunca está feito, mas é o próprio “se fazendo”.

Mas, se for assim, a filosofia não pode ser pensada como sistema acabado, feito por um só homem de gênio – sistema que encontra tantos outros sistemas rivais quantos forem os homens de gênio a pensá-los e que se deve “pegar ou largar”. A filosofia que coloca os problemas em termos de duração aparece, ao contrário – e em um sentido inverso ao da crítica acima mencionada –, como um “esforço coletivo e progressivo de muitos pensadores” e, mais importante talvez, de muitos “observadores” que se completam e se corrigem entre si. E, se for assim, ainda, por baixo do véu da letra dos diversos sistemas há sempre uma intuição a ser atingida e um movimento, no qual ela foi gerada, a ser continuado. Então, como nos diz Montebello, em um dos textos desta coletânea, não se trata de retrair influências – que estas são sempre retrospectivas e, por conseguinte, espacializantes –, mas “da retomada de um gesto especulativo que engaja e se prolonga”, e, acrescentaríamos, que se multiplica em tantos outros gestos divergentes; trata-se, enfim, da retomada de um gesto especulativo que dura. Gesto especulativo de um Tarde e de um James, por exemplo, que parece ter engajado Bergson na reflexão sobre a vida; vida que é pensada tanto como fonte de pura criação quanto como manutenção do já criado e, nesse sentido, esforço de sobrevivência. Esforço e movimento criador da vida que tanto parecem fazer ressoar em Bergson a reflexão de Hume sobre o hábito; quanto encontram ressonância, a partir de Bergson, nos herdeiros da *Lebensphilosophie* da Alemanha do entre guerras, na reflexão sobre a técnica médica de Canguilhem, ou na psicologia de um Janet e de um Minkowski.

Engajamentos e prolongamentos que os autores deste volume nos convidam a seguir e que, em se tratando de Bergson, não se dão apenas no interior do que é considerado estrita filosofia. Com Bergson, a especulação filosófica se amplia, ou perde seus contornos estritos, ampliando, também, sua história. De fato, muitos dos textos aqui reunidos mostram uma indistinção entre a especulação filosófica e aquela reconhecida como própria à psicologia, à biologia, à antropologia e à sociologia. Pois se Bergson desde muito cedo voltou-se para o objeto mesmo da psicologia – a consciência –, refletindo sobre a dependência e a independência desta em relação à biologia, ele se voltará, no final de sua carreira, a essa mesma relação de dependência e independência, agora, das sociedades em relação à biologia. Neste contexto, os engajamentos, prolongamentos e também as divergências se darão com a sociologia de Lévy-Bruhl e de Durkheim, com a antropologia de Lévi-Strauss e, por que não, com a metafísica selvagem do povo Sioux!



Movimentos de engajamento e prolongamento entre diferentes autores e diferentes campos de observação que seguem paralelos a tantos outros movimentos no interior mesmo da obra de Bergson e que podemos acompanhar, como sugerem nossos autores, voltando-nos para possíveis “evoluções” ou diferentes facetas de suas noções de causalidade, de inteligência ou de matéria.

Em todos esses movimentos não poderia faltar a referência ao engajamento e ao prolongamento vigorosos realizados por Deleuze; aqui, naquilo que é possível apreender das idas e vindas de Deleuze à *Matéria e Memória*.

Para concluir este convite à leitura, gostaríamos de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a realização deste número, seja submetendo seus artigos, seja trabalhando na tradução e na preparação dos textos aqui recolhidos. Gostaríamos, ainda, de fazer um agradecimento especial a Debora Morato Pinto, por seu inestimável apoio e colaboração, não apenas a este projeto, mas aos estudos bergsonianos desenvolvidos atualmente no Brasil.

Curitiba, dezembro de 2017.

Maria Adriana Camargo Cappello  
adrianacappello@uol.com.br  
Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil